

“Mais receita não basta, é preciso cortar gastos”

A R R

Washington - O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, defendeu ontem a redução dos gastos públicos no orçamento de 1994. Ele disse que a receita prevista para o ano que vem é de cerca de US\$ 85 bilhões: “É uma receita recorde na história do Brasil. Então, evidentemente não basta aumentar a receita, embora seja útil, necessário. Nós temos que analisar quais são os tributos que podem ser aumentados ou criados sem afetar a população nem o bolso da população pobre, que não aguenta mais. Em 92, havia uma previsão de caixa de cerca de US\$ 14 bilhões. Este ano, temos cerca de US\$ 19 bilhões. Para o ano que vem estão previstos US\$ 27 bilhões. Alguma coisa está exagerada aí. E isso tem que ser revisto com muito cuidado. Eu acho que há muitas injustiças no funcionalismo”.

Para o ministro, “o grosso do funcionalismo ganha muito mal, mas há setores que estão ganhando razoavelmente, alguns até excessivamente. Tem que haver um equilíbrio nisso, com corte de despesas”. Continuou: “E também tem que se verificar até que ponto esse pessoal é realmente útil, ou melhor, se na função em que ele está exercendo se ele é útil, ou se pode ir para outras áreas onde há falta de pessoal. Tem que mexer, eu acho que nós temos que ter a clareza, não digo nem a coragem, mas a sinceridade de discutir com os sindicatos a respeito disso, porque nós temos que pensar não só no interesse da parte, mas do Brasil, no todo”.

O ministro lembrou que muitos subsídios são transferidos à iniciativa privada. Explicou: “Num dado momento, devido à dificuldade do País, fazer-se uma negociação para que esses subsídios não sejam pagos num certo período, no próximo exercício, ou então de que uma parte deles seja financiada pelo setor privado, através do sistema bancário, por exemplo, o que diz respeito à agricultura, deixando de lado os pequenos e médios produtores, que precisam de certos recursos diretos do Tesouro, a maioria nós podemos financiar pelo sistema privado, a juros mais baratos. A exportação no Brasil, no passado, era toda ela fi-

nanciada pelo sistema privado. Agora, por que o Governo vai ter que financiar setores que às vezes são setores prósperos, e que custam um peso grande ao Tesouro? É claro que isso é uma matéria polêmica, que precisa de uma revisão, uma análise global, mas há muitos mecanismos que nos permitem isso, além dos já referidos.

Fernando Henrique insistiu em adicionar. “Não se faz uma mudança tão drástica tirando impostos, cortando gastos e só. Daí a importância do projeto de privatização. Através dele podemos eliminar os gastos desnecessários, que são hoje exercidos pelo Governo e podem ser transferidos para o setor privado. E outra: não podemos ter rendimentos efetivos, **cash**, para que nós possamos sufragar as dívidas do Estado”.

Contratos - Para o ministro da Fazenda, “ninguém pode tomar uma decisão que resolva uma situação de um lado e crie um problema em outro”. Ele se referia a uma pergunta do jornalista Aloysio Biondi sobre o anunciado “terremoto” na economia, com o corte dos subsídios à iniciativa privada e a suspensão das transferências de IPI, IR e Fundo de Participação dos Estados e Municípios.

“Evidentemente, nós não faremos nada que fique caracterizado como uma quebra de contrato”, garantiu o ministro. “Os estados fizeram acordos conosco e nós temos que dar condições para que eles honrem estes acordos. Quanto à parte produtiva, eu estou partindo do seguinte pressuposto: o BNDES tem funções de financiamento e continuará tendo as funções de financiamento e de incentivo. Eu me refiro a outras coisas. Por exemplo, há muitos fundos constitucionais que nós temos que rever. Fazer até uma espécie de análise para saber no que efetivamente foram gastos esses recursos, se eles foram aplicados produtivamente ou se ficaram nas mãos das oligarquias locais”.

Agricultura - Quanto à agricultura, Fernando Henrique garantiu: “Eu não quero deixar de financiar, pelo contrário, eu quero é criar outro tipo de financiamento e, no mínimo com juros equivalentes, se não mais baixos.